

DISCURSOS

SAUDAÇÃO A MANUEL LIMA SOARES

José Denizard Macedo de Alcântara

Senhor Manoel Lima Soares:

Decisão honrosa da Presidência deste sodalício, designou-me para saudar-vos por ocasião do vosso ingresso na Casa do Barão de Studart, acolhedora mansão dos que se dedicam aos estudos pertinentes à geografia, à antropologia e à história do Ceará e do seu povo.

Poderia até opor e jurar suspeição à ordem do eminente Presidente Carlos Studart. Isto porque fui dos mais ativos e talvez o mais antigo dos propugnadores de vosso acesso a este plenário. Quantas vezes, em nossos habituais colóquios de amizade e coleguismo nos vários pontos onde temos trabalhado e convivido fraternalmente por tantos anos, insisti pela necessidade de tomardes as iniciativas necessárias para a chegada do evento que se concretiza nesta noite agradável do Instituto.

Para a consecução de tal meta, sugeri-vos a elaboração de uma monografia que, unindo os vossos pendores intelectuais com as atividades específicas do Instituto no campo dos estudos cearenses, aplainasse a estrada para que aqui viésseis tomar assento na nossa companhia.

Tratava-se, minha sugestão, de um ensaio sobre o inesquecível João Brígido, cronista e historiador nem sempre muito veraz, mas prodigiosa intuição de sociólogo não forra-

do da ferramenta científica das ciências sociais, a psicologia social, a biologia social, a ecologia humana, a antropologia social, equipamentos indispensáveis ao investigador sociológico, mas, repito, dotado de um faro inexcedível sobre o processo de nossa formação histórica.

Bastariam as passagens esparsas que deixou sobre o papel da pecuária, psiquismo e comportamento do nosso homem e suas manifestações para comprovar a intuição de um sociólogo frustotema que Jáder de Carvalho, com prosa rutilante e vigor de penetração abordou, para pezar nosso, de modo tão sintético na excelente introdução à *Antologia* de João Brígido.

Os fados não permitiram que fosse atendida minha sugestão, mas tomastes outros atalhos que terminaram, o que importa para alegria nossa, desembocando no lago sereno da nossa instituição. E para isto, tinheis títulos de sobra, uma longa caminhada de atividades culturais.

Ultrapassados os estudos primários, freqüentastes as aulas do ensino médio do nosso velho e querido Liceu do Ceará, casa comum na nossa educação de adolescentes, onde vos afirmastes não apenas como um dos mais ativos líderes estudantis da época mas também ensaiastes os primeiros passos numa das mais acentuadas facetas de vossa intelectualidade, qual seja, a de primoroso orador e notável conferencista.

As láureas do ensino superior estavam a mercê dos vossos esforços de conquista, dilatando a fé no vosso talento e o império de vossa aplicação aos estudos. O bacharelato em Ciências Jurídicas e Sociais, a licenciatura em Geografia e História, o doutoramento em Direito no primeiro lugar de sua turma, marcam as etapas vitoriosas de vossa formação universitária, brilhante e proveitosa, que não se conformou com os louros conquistados mas se distendeu por nada menos de onze cursos de especialização, aperfeiçoamento e extensão, diferenciados por força de vossa inquieta sede de conhecimento desde os setores da história, da geografia, das línguas modernas até a economia, a sociologia, a literatura.

Fostes sempre um participante ativo em todas as searas do trabalho cultural, profissional e social, evidenciando assim a elevadíssima e nobre conotação de servir, a mais alta qualidade do homem na vida social e comunitária. Congres-

sos, seminários, ciclos de estudos, encontros, simpósios enriquecem vosso currículo, a que se deve acrescentar as memoráveis lutas e trabalhos no Centro Estudantil Cearense, no Centro Liceal de Educação e Cultura, na Academia Centrista de Letras, na Biblioteca do Calouro, na Associação de Professores do Ensino Superior e outras entidades da classe magisterial, na Ordem dos Advogados, no Centro Literário Humberto de Campos, no Instituto Clóvis Beviláqua, na Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra, no Rotary Club, na Grande Loja do Ceará, na Sociedade Cearense de Geografia e História, nas entidades esportivas do Ceará, embora destas, segundo vossa informação, sois considerado hoje um inativo, um aposentado.

Destes testemunhas autêntico e incontroverso, em memoráveis concursos públicos, da vossa capacidade intelectual e cultural, conquistando cátedras no Liceu do Ceará, na Universidade Federal do Ceará e na sua Universidade Estadual, além de outras oportunidades.

Exercitastes a advocacia nos pretórios do nosso Estado, com honestidade e elevação de propósitos, incursionando ocasionalmente no jornalismo, na política e na administração pública, sempre dentro daquela linha de moderação e equilíbrio dos homens de bem e de caráter reto, inamolgável e inalienável.

Entretanto, foi talvez o exercício do magistério que marcou de modo relevante vossa existência afanosa e cheia de responsabilidades sociais e familiares, cumpridas com desvelo que vos honram e nobilitam. Nos colégios, nas universidades, nos cursos que ministrastes fora do Ceará, destes sempre o testemunho de homem culto, sereno e de honroso proceder.

Vida tão cheia, tão rica de atividades numerosas, não impediram nem fez escassear o tempo do profissional ocupado para produzir intelectualmente, deixando aos coevos e aos pósteros a perenidade do vosso saber.

Numerosos discursos e orações, que se contam por dezenas, e uma vintena de trabalhos publicados indicam vossa incansável atuação no campo das letras. Destaco para conhecimento dos presentes que participam dessa solenidade consagradora do vosso valor intelectual, o ensaio "A população no tempo e no espaço", tese de natureza sociológica e

demográfica que vos abriu as portas da docência na Universidade Federal do Ceará; "A história, a sociologia e a idéia do progresso", "Sociedade, sociologia e teoria sociológica" e "Desagregação e persistência da família tradicional brasileira" que assinalam vosso indiscutível pendor para os estudos sociológicos; o excelente ensaio sobre "Spengler e Clóvis Beviláqua", no qual examinastes o jurista cearense na função de crítico do mestre alemão e da sua morfologia das culturas; as utilíssimas publicações sobre a "Didática da Geografia", em que analisais problemas de plano de curso, metodologia e de sala ambiente, fruto do vosso amor ao magistério da ciência de Ratzel e La Blache; "Mestres Cearenses de Geografia e História, bosquejo da vida e obra de grandes docentes do Ceará, em que penetrastes com êxito no campo da história especializada no ramo biográfico.

Todo o elenco apresentado de múltiplos aspectos de vossa proveitosa e fecunda existência justificam a escolha dos vossos pares na Casa do Barão de Studart em vos ter trazido para o nosso convívio. Não me contento, entretanto, com o dito porque agora, nas páginas que se seguem, quero deixar fluir o coração do amigo evocando a outro do fundo das reminiscências de um passado que já se esfuma.

Mais de um quarto de século, é passado daquela manhã tranqüila em que saindo da nossa residência, à Rua da Assunção, deparávamos uma passeata de estudantes trazendo à frente um jovem, cujos traços físicos evocaram na compleição, na face e no porte meio, um gaúcho da campanha, fronteiriço nos impulsos, árdego no entusiasmo das causas a que se dedica, leal e fiel, amigo certo em horas incertas.

Era o meu primeiro contacto com Manoel Lima Soares, contacto visual que o futuro se encarregaria de ampliar em forte e sólida amizade ao longo dos anos, quando ambos já descambamos na outra vertente da vida. Meu ex-aluno e dos mais brilhantes na antiga Faculdade Católica de Filosofia, colega de trabalho na CADES, no magistério secundário e superior do Ceará, nas comissões de exames vestibulares da Universidade Federal, na diretoria da Apesc, temos cavalgado juntos em muitas jornadas, estribo a estribo, e comido o sal de muitas lutas ou suportando unidos os sóis de algumas vitórias a par das madrugadas frias das decepções e derrotas no nosso caminhar profissional e humano.

A oportunidade é magnífica para lembrar fatos e reminiscências que atestam a coerência de sua vida e a superioridade dos seus sentimentos cívicos e morais. Manoel Lima Soares, nos albores de sua juventude, fillara-se aos quadros do extinto Partido Trabalhista Brasileiro, quando esta organização política era no Ceará uma escassa minoria de idealistas sem maiores possibilidades para a causa que defendiam, pois ainda não chegara a hora do bafejo das adesões de milionários ou de políticos de proa que dessem ao partido viabilidade eleitoral e probabilidade de êxito.

Sabemos de fonte segura e limpa a nobre origem dessa opção, dessa alternativa política, que muitas vezes o fez sofrer e decepcionar-se, mas a que se manteve fiel até a mudança da conjuntura nacional. Era o impulso da gratidão, a mais nobre das qualidades humanas e a mais bela para o sentimento e para o coração. Ainda no verdor da infância, a família como boa linhagem cearense, em busca de melhores dias, migrou para o Rio de Janeiro. Ali perde o progenitor, ficando com a sua estremecida mãe entregue às mais negras contingências da adversidade. Irrompe a Revolução de Outubro e Getúlio Vargas chega ao Catete, assumindo no vértice da eclosão rebelionária a suprema magistratura do Brasil.

A inolvidável progenitora do nosso amigo toma uma decisão feliz e providente. Dos degraus de sua humildade pede uma audiência ao Presidente Vargas levando em sua companhia o pequeno filho de oito anos, solicitando-lhe passagem para retornar a terra natal, ao nosso sofredor Ceará, cujas energias se retemperam todas as tardes ao sopro iodado do Aracati varrendo sertões e várzeas, serras e vales. O Presidente acolhe carinhosamente o pedido que é imediatamente atendido, cavalheirescamente recebe a pobre viúva evangélica e, num gesto afetivo e carinhoso, talvez fugindo aos duros encargos dos negócios públicos, deixa a mão afagar os cabelos da criança cearense, deste novo Moacir que recorria à benevolência e amparo do poderoso caudilho gaúcho, alcançando ao mando supremo da Nação brasileira.

Disse Joaquim Nabuco em sua autobiografia que a nossa vida nada mais é que dois ou três traços vindos da infância. Este foi o traço, a chancela que marcou Manoel Lima Soares; o delicado e generoso gesto do estadista gaúcho cuja sombra pairaria ainda por decênios sobre a carta da Pátria, do Oia-

poque ao Chuí. O agradecimento comovido e fiel, a gratidão leal e firme — tão nobre, tão bela, tão excelsa — é a chave que explica a única incursão de Manoel Lima Soares em política aérea, por outro lado tão avessa ao seu caráter sério e honesto —, atitude que aliás serve também para desmentir o conhecido conceito de Mme. de Sévigné, que há favores tão grandes que somente a ingratidão pode pagar.

Pois bem, seu compromissamento político não quebrou nem flexionou sua independência de caráter. Quando dos estertores do Governo Goulart, ocupando eu a vice-diretoria da nossa Faculdade, encontrei no colega Manoel Lima Soares uma das mais firmes resistências à baderna que começava a invadir o ambiente universitário. Não admitia e resistia enérgica e até violentamente à indisciplina do alunado, fazendo prevalecer sempre o senso hierárquico de sua posição docente, rebatendo sarcasticamente a investida da desordem e dos desordeiros, a quem batizara de “esquerdeiros” pela sua completa alienação em matéria de princípios e idéias, quando muitos que depois blasonaram de revolucionários e pretendiam ostentar fidealidade a Março de 64 no ambiente universitário, andavam naquele tempo encolhidos, amedrontados, indiferentes, em cima do muro, acendendo uma vela a Deus, outra ao Diabo. Manoel Lima Soares, sem ter compromissos com o que vinha, adotou entretanto a atitude dos que sabiam o caminho certo para o País e a trilha de suas justas aspirações.

Conduta independente, atitude corajosa, posição firme e decidida definem um homem melhor que outros parâmetros e explicam o merecido êxito de sua carreira, de sua vida social e profissional. São as nobres qualidades de caráter que dimensionam o homem e nos dão a justa medida dos seus valores, do seu coração e do seu espírito, prendendo-nos pela admiração, pela estima e pela confiança, que é o meu caso em relação ao nosso recipiendário.

Advogado sério e diligente, jornalista bissexto e político ocasional, homem de saber e cultura, orador fulgurante e conferencista de lúcida exposição, publicista e ensaísta dos bons, extremoso chefe de família, esposo e pai boníssimo, bom de garganta e de violão, o que revela a delicadeza de sua sensibilidade estética pelo cultivo da divina arte, excelente companheiro, amigo e *causeur* altamente agradável

e divertido pelo senso do bem sorrir e da piada inteligente e irônica, eis aí vossa rica personalidade sumariada devidamente.

Que mais vos dizer, Manuel Lima Soares, nesta data que todos nós, amigos e admiradores, aqui congregados para numa medida de relevante justiça humana, a quem é portador de qualidades de eleição e num preito de alta, confortadora e indispensável homenagem, render de público, em alto e bom som, o testemunho eloqüente da nossa viva admiração, leal estima e firme amizade, almejando-lhe os mais consagrados parabéns pela dignificante entrada no quadro Social do Instituto do Ceará.

Sede bem-vindo.